

CAMÕES FICOU GAUCHE: AS MÁQUINAS E OS MUNDOS

Otávio Augusto de Oliveira Moraes*

Resumo

O artigo tem como proposta elaborar uma reflexão frente ao poema “Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, sob a ótica da inter-relação entre essa escrita e *Os Lusíadas* de Luís de Camões. O texto centra sua análise na figuração que o conceito “máquina do mundo” toma em cada uma das obras postas em questão. A hipótese se desenvolve sobre a premissa de que o poeta mineiro constitui uma poética que, reflexivamente, dialoga com a épica lusa a partir do deslocamento desse tema para o plano da lírica moderna. O movimento põe em deslocamento certo otimismo renascentista dando à máquina a representação de uma impossibilidade harmônica entre indivíduo e a materialidade que o rodeia.

Palavras-chave: Épica. Lírica. Modernidade. Poesia.

CAMÕES TURNED GAUCHE: THE MACHINES AND THE WORLD

Abstract

The article's proposal is to elaborate a reflection of the poem *A Máquina do Mundo* by Carlos Drummond de Andrade from the point of view of the interrelation between this writing and *The Lusíadas* by Luís de Camões. The text focuses its analysis on the figuration that the concept machine of the world takes in each of the works put in question. The hypothesis develops in the premise that the poet from Minas Gerais constitutes a poetic that, in a reflexive way, dialogues with the Portuguese epic from the displacement of this theme to the plane of modern lyricism. The movement puts in a certain Renaissance optimism giving the machine the representation of a harmonic impossibility between individual and the materiality that surrounds them.

Mots-clés : Epic. Lyric. Modernity. Poetry

Recebido em: 04/03/2019

Aceito em: 03/04/2019

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorando em Literaturas Clássicas e Medievais pela UFMG e Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-MG, onde foi bolsista CNPQ.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5452-717X>

PRIMEIROS APONTAMENTOS

As questões do homem e da máquina podem ser colocadas como arcabouço da própria conceitualização da modernidade. Marx e Engels (2005, p. 43) apresentam o processo contínuo de acúmulo de riqueza, fundamentalmente originado a partir do processo das grandes navegações e descobrimentos, como direcionamento à constituição do mundo burguês. O arranjo político e econômico que deu origem ao universo moderno tem a estruturação maquinica como elemento de centralidade, uma vez que “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (MARX; ENGELS, 2005, p. 43).

Temos nas obras em estudo, o poema “Máquina do Mundo” de Drummond, e *Os Lusíadas* de Luís de Camões, dois polos de desenvolvimento da progressividade moderna, a escrita camoniana como plano de representação de um processo emergente de acumulação e, por consequência, a constituição das primeiras fissuras no medievo até então reinante. No que tange à lírica drummondiana, a produção capitalista encontra-se em estágio avançado e as constantes rearticulações do plano material de produtividade tecem um universo social de fragmentação no qual “tudo que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e a sua relação com os outros homens” (MARX; ENGELS, 2005, p. 43).

A primeira máquina, que está centrada na narração do episódio da “Ilha dos amores”, apresenta uma constituição estética na relação forma-conteúdo na qual a maquinicalidade mostra-se como representação de um destino áureo para a humanidade europeia, principalmente na perspectiva de quem cantava “(...) o peito ilustre Lusitano” (CAMÕES, 2015, p. 18).

Já sob os auspícios do até então mais maquinico dos séculos, tempo que congregou Auschwitz, a batalha de Verdun e as bombas de Hiroshima e Nagasaki, em quase sincronidade, emerge o texto drummondiano. Poética que organiza textualmente a ausência de solidez na experimentação moderna da vida humana, vivência contextual que no plano teórico recebe por parte de Lukács (2000) os delineamentos de uma representação não elogiosa de uma “virilidade madura” (LUKÁCS, 2000, p. 71). A mesma modernidade parece se assentar bem no primeiro verso do poema “De mãos dadas” já que o poeta inicia o texto com uma negativa frente ao estado das coisas: “Não serei o poeta de um mundo caduco” (ANDRADE 1985, p. 138).

Os atravessamentos entre a épica lusa e a lírica de “Máquina do Mundo” findam representando um deslocamento entre as caravelas de um e os trens férreos do outro. Na intenção de discorrer sobre essas máquinas, buscaremos costurar os textos-contextos de ambas as obras, desvelando os fios sob os quais se conectam estes pontos da formulação poética do “estar” no mundo.

DRUMMOND E CAMÕES

O crítico literário Silviano Santiago (2017), em artigo dedicado a relação entre a “Máquina do Mundo”, de Drummond, e *Os Lusíadas*, de Camões, descreve a conexão entre o primeiro poema e o último nos seguintes termos:

Como um fruto coerentemente se amadurece, como a crosta da terra coerentemente se esfriou, no processo por que passa, Drummond procura e se irmana aos clássicos, para extrair deles o sabor. E, na busca, a solução para o seu obscuro enigma: Camões acenou-lhe com “a máquina do mundo”, belíssima alegoria que se encontra no canto X d’*Os Lusíadas*, e forneceu-lhe assim o claro enigma. (SANTIAGO, 2017, p. 18).

A análise elaborada por Santiago afina-se com nossa proposta ao pensar a “Máquina do Mundo” sob o plano de um movimento da poética drummondiana frente à estética de Camões. Ela, buscando diferenciar-se no que tange as significações que a lírica constitui na retomada do tema maquínico, proclama que “ser clássico não é uma atitude artística, mas uma atitude existencial” (SANTIAGO, 2017, p. 18). No enfoque dado por Santiago, a busca pelo clássico renascentista configurar-se-ia como a tentativa de modalizar a utopia racionalista de Camões para um plano que a atravessasse os conhecimentos geográficos, históricos e astrológicos em direção a uma verdade humana meta-racional.

O movimento que vislumbramos também perpassa por uma leitura que percebe a incorporação do clássico como atitude existencial na máquina drummondiana. A questão é que sob uma ótica dialética a relação entre os textos em estudo aparenta direcionar-se em uma estética mais beligerante, elemento que, talvez, perpassasse por toda relação entre a literatura do presente com a tradição pretérita.

Em Camões tem-se uma estrutura poética que lapida em sua forma a potente representação da dissolução do medievo em direcionamento ao moderno. O autor experimentou uma época de rearticulação da relação entre sujeito e trabalho o que finda, portanto, constituindo um processo de reinvenção do próprio homem.

Podemos vislumbrar no poeta português uma escrita mergulhada em uma temporalidade de crise e, talvez, por essa mesma razão, a constituição de uma obra tão dificilmente categorizável no plano do já tradicionalmente estabelecido. Críticos literários como Moisés (1968) e Cidade (1950), cada um em uma margem do atlântico lusófono, apesar das diferenças em suas análises da poética camoniana, têm como elemento comum de reflexão a ideia de que a obra *Os Lusíadas* funda uma nova categoria épica: a epepeia renascentista.

As possibilidades de compreensão das transgressões criativas tecidas por Camões são melhor desveladas sob a ótica de uma mescla entre “(...) texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 1985, p. 13). Sob esse enfoque metodológico, podemos perceber que a épica lusíada transmuda em objeto artístico uma miscelânea de elementos temporais que findariam em uma estética revolucionária, concatenada com a radicalização da apropriação do homem sobre o mundo que o rodeia.

Já na escrita drummondiana, apresenta-se uma modernidade já consolidada, na qual os sujeitos estão sob o jugo maduro do capital, de forma que a concretude das relações de trabalho toma a forma de uma alienação. Esse conceito pode ser entendido como o processo em que “a criação (o produtor), na medida em que não pertence ao criador (ao operário), se apresenta diante dele como um ser estranho, uma coisa hostil, e não como o resultado normal de sua atividade e do seu poder de modificar livremente a natureza” (KONDER, 1983, p. 45). Drummond (1985) encena, no início da poética em estudo, uma relação de temor do eu lírico frente à máquina, um estranhamento frente às próprias possibilidades de apropriação do mundo. É como se as ferramentas tomassem o homem como instrumento.

A máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

(ANDRADE 1985, p. 300)

A MÁQUINA DOS AMORES

O crítico literário e poeta David Mourão-Ferreira (1980) vislumbra o episódio da “Ilha dos Amores” como plano de centralidade da épica lusíada. O posicionamento em questão é interessante dado o fato que rearticula o próprio processo de categorização da obra camoniana, afinal, a sobreposição lírica à temática épica implica uma releitura da narrativa de Camões. O episódio conta com duzentos e vinte e uma estrofes, número que, comparado com a integralidade da obra, alcança a porcentagem de vinte por cento do texto, ou seja, o mais abrangente dos cantos.

O fragmento em estudo versa sobre uma recompensa elaborada por Vênus, fiel protetora dos lusos, em razão do êxito dos navegadores frente à empreitada de descobrimento do caminho marítimo da Índia. A deusa, em conluio com seu filho, Cupido, cria uma ilha voltada para o desfrute dos marinheiros lusitanos. Cabe ao Cupido utilizar suas flechas certeiras para por as nereidas, ninfas filhas do mar, plenas de amores pelos navegantes. Segue fragmento que descreve alguns pormenores “geográficos” da ilha em questão.

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os formosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

(CAMÕES, 2015, p. 18)

O cenário dos amores constitui-se a partir de um entrelaçamento de elementos materiais e projeções afetivas. Essa miscelânea sintetiza-se em uma erotização da totalidade tornando os elementos humanos, míticos e naturais parte de um todo harmônico. A projeção é apresentada a partir de algumas metaforizações sutis em algumas partes e mais explícitas em outras, mostrando ao leitor uma sobreposição de formas que em um jogo de luz e sombra espelham objetos fálicos, seios e texturas que remetem ao ato sexual.

O teórico Georges Bataille (1987, p. 18), em sua obra **O erotismo**, apresenta esse conceito sob uma perspectiva multifocal abrangendo, na experiência sexual, questões concernentes ao plano cultural, religioso e político. Interessa-nos na interpretação de Bataille a fundamentação que o autor vincula à questão erótica, que se configura como “(...) uma recusa da vontade de nos fecharmos em nós mesmos” (BATAILLE, 1987, p. 18).

A encenação que constitui o episódio da “Ilha dos Amores” tem como centralidade a apresentação do plano histórico-geográfico conquistado pelos lusos. A orbe terrestre é descrita minuciosamente apresentando cada continente conhecido e os espaços pelos quais a bandeira lusitana tremulava. O espírito renascentista encena-se na superioridade das empreitadas dos homens desse tempo no que tange a um domínio até então inédito sob a natureza.

Parece-nos que o caráter erótico que esse momento chave da épica renascentista ganha encaminha-nos para uma representação da relação sujeito e mundo no que se refere a um vínculo dissociado de alienação. Ao invés de se sentir curvado em relação ao fruto de seu trabalho, tal qual como assenta-se a condição alienada do trabalhador moderno, a empreitada renascentista invoca o trabalho como liame entre sujeito e mundo. O arquétipo de herói da épica em questão, Vasco da Gama, aparece neste episódio enamorado por Tétis, a mais proeminente das nereidas. A formosa ninfa leva o navegante para o “cume dum monte alto e divino” (CAMÕES, 2015, p. 275) e então apresenta para o capitão o destino do povo português.

(...) depois de ter lhe dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do imóvel Fado,
Para lhe descobrir da unida Esfera
Da terra imensa e mar não navegando
Os segredos, por alta profecia,
O que está na sua nação só merecia.
(CAMÕES, 2015, p. 274)

Se pensarmos a relação maquínica presente na épica camoniana sob a perspectiva de uma mediação erótica da relação sujeito e mundo, é possível vislumbrar certos traços da constituição épica clássica repetindo-se nessa modalização renascentista. Tal qual na proposição lukachiana de vislumbre da escrita homérica, que se mostrava fundamentalmente calcada no reconhecimento do clássico em questão como representação de “(...) um mundo homogêneo, e tampouco a separação entre homem e mundo, entre eu e tu é capaz de perturbar sua

homogeneidade” (LUKÁCS, 2000, p. 29). Tem-se igualmente encenado um aplanamento assentado na racionalidade renascentista.

A máquina, em sua representação da emergência da razão como meio de potencialização do domínio do homem sobre a natureza, profetiza uma inversão da relação lírica originária: a oposição entre interior e exterior é ultrapassada pela subjugação do mundo natural pelo homem. A nova homogeneidade épica toma a pantagruélica forma de uma modernidade desejosa de transmutar o mundo em mercadoria.

A MÁQUINA NOS PÕE GAUCHE

O gauchismo drummondiano, consagrado no primeiro poema do primeiro livro de poesia do itabirano, o maravilhoso “Poema de Sete Faces”, inicia-se da exposição de uma relação ontologicamente desconcertante do eu lírico no que tange à sua relação com o mundo. Um plano metafísico de idealidade já em ruína é apresentado sob as formas de um anjo torto que sela o destino do poeta, direcionando-o também à não linearidade em um mundo igualmente incapaz de ser reto.

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
(ANDRADE 2013, p. 3)

A desestruturação inerente à volatilidade moderna tece sob a escrita de Carlos Drummond de Andrade efeito que é categorizado por Antonio Candido (1995) como uma escrita marcada pela inquietude. A rememoração do passado, a escrita do presente e a especulação em relação ao futuro são atravessadas por instabilidade. Se a literatura é consagrar esteticamente a linguagem à formulação de coisa organizada (CANDIDO, 2009, p. 174), Drummond tira sua poesia do caos construindo seus versos a partir da inversão de uma materialidade na qual nada mais é sólido.

A “Máquina do Mundo” é a criação poética em sua representação da condição de se ser máquina no mundo. A junção de texto e contexto produz o objeto literário de maneira que a forma traz, para seu interior, remodelações do verbo criar nas quais o plasma ideológico, sob o qual as possibilidades criativas são experimentadas.

A escrita de Camões dá forma a uma relação entre homem e mundo na qual a criação não está mergulhada nas cisões concernentes aos processos de produção moderna, pois pensar e laborar constituem atividade simétrica. Já a modernidade madura apresenta-se como o inverso da temporalidade na qual a burguesia constituía-se como classe revolucionária. Se antes a desarticulação do medievo entreabria a possibilidade de se embaralhar os estamentos sob os quais a criação via-se limitada, agora a alienação radicaliza-se sob a mediação universal da mercadoria.

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas como dignas e encaradas com piedoso respeito. Fez do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio seus servidores assalariados. A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias. (MARX; ENGELS, 2005, p. 42)

O trecho acima apresenta a condicionalidade sob a qual a criação é sujeita quando posta sob o jugo do sistema capitalista. Na poética em estudo, percebe-se o eu lírico em uma caminhada ambígua frente à máquina, tem-se uma miscelânea de fascínio e exaustão concernente à relação triangular: sujeito, conhecimento e mundo. O seguinte fragmento apresenta a conflituosidade em questão.

Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

(ANDRADE 1985, p. 300)

Inverter, não existe melhor expressão para descrever o que Drummond faz com o mundo ao transmutá-lo em poesia. As palavras põem-se em movimento e por consequência o deslocamento delas frente ao uso convencional, em conjunção a certa manutenção da estrutura gramatical padrão, faz do poetar drummondiano uma arquitetura dos avessos – não se funda novos mundos, mas sim desnuda-se a realidade. A asséptica máquina é posta em paralelo a degradação do corpo e da mente, já a paisagem desértica é o desvelamento de uma aridez afim com a miserabilidade de um corpo desfeito dos seus contornos.

Antonio Candido (1995) vislumbra em Drummond uma estética que tem como uma de suas grandes questões o descabimento do mundo e a possibilidade de superação desta realidade torta a partir de um movimento do singular em direção ao plural. Nas palavras do crítico, “o sentimento de insuficiência do eu, entregue a si mesmo, leva-o a querer completar-se pela adesão ao próximo, substituindo os problemas pessoais pelos problemas de todos” (CANDIDO, 1995, p.79). Sob esse aspecto, a concepção de Santiago (encontra-se com a de Candido, em outras palavras, a busca pelo outro materializa-se em encontros no trato com a tradição literária.

Divergimos de Santiago no sentido de não acreditarmos que “Máquina do Mundo” possa ser compreendida sob uma ótica metafísica, na qual o ideário clássico mantém-se flutuando sob uma aura de harmonia e perfeição. Parece-nos que o diálogo poético proposto por Drummond formula-se por intermédio de um plano concreto de reflexão sobre as possibilidades de tratar a língua como plano de invenção artística. O meio empreendido pelo poeta para tecer suas

reflexões a partir da própria plataforma poética é desvendar as conjunções de texto-contexto sob as quais foi possível vislumbrar revolucionariamente a criação como uma erótica, ou melhor, fazer da ausência de uma ilha amorosa e do desmoronamento dos mitos o combustível para uma nova poesia.

Um dos momentos de maior encontro com a épica camoniana está nos versos presentes na metade do poema de Drummond. O poeta mineiro encena um diálogo que se assemelha com o contato da ninfa com Vasco da Gama sob o monte da Ilha dos Amores, encontro em que é encenada uma profecia concernente ao destino dos lusos. No caso não há previsão alguma, o que se passa é um diálogo no qual a relação temerosa frente ao desconhecido põe o eu lírico da poética em questão como o inverso do capitão Gama, vejamos:

(...) O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraíndo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.

(ANDRADE 1985, p. 300)

A razão que, no poema, se apresenta exausta de tanto “mentar” recebe um caráter dúplice: primeiramente é fracassada em cessar com a cisão materializada pela relação sujeito e mundo, nas palavras do poeta, o que foi buscado “nunca se mostrou”. Em sua segunda faceta, a razão, em sua potencialidade de desvelar o mundo ao ponto de uma “total explicação da vida”, torna-se base para um assujeitamento do humano à ideia, ou seja, uma antipoética (ANDRADE 1985, p. 300).

A ideia de uma antipoética como elemento de mediação entre a máquina drummondiana e a camoniana parece-nos uma possibilidade interessante. A criação: elemento que constitui o homem como homem, tornando-o sujeito da história, tem na produção estética um objeto que congrega um caráter translúcido e nebuloso ao mesmo tempo de maneira a falar sobre sua época e quando bem arquitetada a transcender, mantendo uma juventude inabalável. Pensamos que o elemento rejuvenescedor da obra literária é o quão eficientemente ela encena seu caráter metapoético, ou seja, o quanto ela transmite na própria poesia um plano de experimentação das possibilidades de criação poética.

A temporalidade antierótica em que Carlos Drummond de Andrade viveu é diversa do contexto camoniano no sentido de marginalizar as possibilidades de transgressão da interioridade - vive-se uma radical atomização da vivência humana. Parece-nos que a resposta do itabirano frente a brutal solidão decorrente da mercantilização de tudo é tecer uma poética que descreva esse fato. O poeta tece com palavras o concreto, tornando sua criação uma organização estética sob a qual a alienação é desnudada nos seguintes termos: a máquina doma o mundo e transmuta o homem em instrumento o progresso e a barbárie tornam-se facetas que compõem a mesma moeda. Do absurdo do real, Drummond retira a imperatividade de superação do mundo posto.

(...) vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas.
(ANDRADE 1985, p. 300)

CONCLUSÃO

As máquinas e os mundos não abordam temáticas de outrora, dado o fato de que a criação mantém-se elemento universal de constituição do humano. Criar está sempre vinculado ao contexto das mãos que laboram o mundo e os consequentes movimentos pelos quais a técnica engrandece as possibilidades de potencialização dos frutos do trabalho. Ainda assim, independentemente da diversidade tecnológica e cultural, a imperatividade da invenção continua estável no bailar dos séculos.

Nessa conversa de distintas épocas tão bem transpostas pela poética drummondiana, parece-nos que a busca por um espírito clássico, como apregoado por Silviano Santiago, pode ser repensada sob a ótica de uma tradição dos insatisfeitos, ou melhor, dos inquietos. O singular rumando ao plural em busca da atualidade atemporal que o trato poético carrega em seu seio.

Em nosso tempo, já passadas algumas décadas desde o encantamento de Drummond, continua imprescindível fazer da máquina poesia: desestruturar suas engenhocas, desparafusá-la, pô-la a serviço de uma lírica, na qual não seja substituída a oposição homem e mundo pela relação de submissão entre homem e mercadoria. É mais do que tempo de erigirmos uma nova Ilha dos Amores e que com ela outro valor mais alto se levante.

REFERÊNCIAS:

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.
- CIDADE, Hernani. **Luís de Camões II: O Épico**. Lisboa: Revista da Faculdade de Letras, 1950.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169 -191.
- CAMPOS, Haroldo. Aspectos da poesia de vanguarda no Brasil e em Portugal: Entrevista de Haroldo de Campos a E.M de Melo e Castro. In: **Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana**. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 51-75.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CAMÔES, Luiz Vaz. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L & PM, 2015.
- KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LUKÁCS, Gyorgi. **Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MOURÃO-FERREIRA, David. **A ilha dos Amores e o lirismo erótico de Camões**. Lisboa: Ática, 1980.
- SANTIAGO, Silviano. **Camões e Drummond: a máquina do mundo**. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2016/04/silviano-santiago-camoccc83es-e-drummond1.pdf>> Acesso: 15 dez 2017.